

VIVIAN GORNICK

Uma mulher singular

BOOKS



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)



Vivian Gornick

Uma mulher singular

Memórias

tradução
Heloisa Jahn

todavia

Capa
Folha de rosto

Nota da autora

Uma mulher singular

Autorizações e agradecimentos

Autora

Créditos

Nota da autora

Leitor, cuidado: todos os nomes e características identificadoras foram alterados. Certos acontecimentos foram reordenados e alguns personagens e cenas são compósitos.

Leonard e eu estamos tomando café num restaurante em Midtown.

“E aí”, começo. “Como vai sua vida ultimamente?”

“Tipo um osso de galinha encravado na goela”, ele diz. “Não consigo engolir nem cuspir o osso. Minha única preocupação no momento é não engasgar.”

Meu amigo Leonard é um gay espirituoso, inteligente, sofisticado quanto à própria infelicidade. A sofisticação é revigorante. Uma vez, um grupo formado por alguns de nós leu as memórias de George Kennan, depois nos encontramos para discutir o livro.

“Um homem civilizado e poético”, disse um.

“Um guerreiro frio repleto de nostalgia”, disse outro.

“Paixões modestas, ambições poderosas e um sentimento incessante de si próprio no mundo”, disse um terceiro.

“Esse é o homem que me humilhou a vida toda”, disse Leonard.

A tirada de Leonard a respeito de Kennan renovou em mim a emoção do revisionismo histórico — o drama domesticado de todo dia voltar a ver o mundo pelos olhos dos ofendidos — e me lembrou a razão pela qual somos amigos.

Acreditamos, Leonard e eu, na política do dano. A sensação ingente de ter nascido no seio da desigualdade social preestabelecida arde intensamente em cada um de nós. Nosso tema é a vida não vivida. A pergunta que nos fazemos é: Será que teríamos fabricado a desigualdade caso já não houvesse uma ali, pronta — ele é gay, eu a Mulher Singular — para acolher nossas queixas? A essa pergunta se devota nossa amizade. A pergunta, na verdade, define essa amizade — lhe confere sua personalidade e seu jargão — e contribuiu

mais para esclarecer a natureza misteriosa das relações humanas habituais do que qualquer outra intimidade que eu já tenha conhecido.

Já faz mais de vinte anos que Leonard e eu nos encontramos uma vez por semana para uma caminhada, um jantar e um cinema, no bairro dele ou no meu. Fora as duas horas no cinema, raramente fazemos outra coisa senão falar. Um de nós está sempre dizendo: Vamos comprar ingressos para uma peça, um concerto, uma leitura, mas nenhum de nós parece ter a capacidade de organizar um programa noturno antes da hora em que combinamos nos encontrar. O fato é que nossa conversa é a mais prazerosa para ambos, e não conseguimos abrir mão dela nem por uma semana. O jeito como nos sentimos em relação a nós mesmos quando estamos conversando é que cria o magnetismo muito intenso que um exerce sobre o outro. Uma vez, dois fotógrafos diferentes tiraram fotos de mim no mesmo dia. Nas duas imagens, quem aparecia era eu, incontestavelmente eu, só que para mim o rosto em uma das fotos parecia fraturado e anguloso, enquanto o da outra estava íntegro. Com Leonard e comigo é a mesma coisa. A autoimagem que cada um projeta no outro é a mesma que abrigamos na cabeça: a que nos faz sentir-nos coerentes.

Então por que, seria o caso de perguntar, a gente não se encontra mais do que uma vez por semana, não desfruta mais do mundo juntos, não proporciona um ao outro o prazer da conversa cotidiana? O problema é que nós dois temos tendência a ser negativos. Seja qual for a circunstância, para nós o copo está perpetuamente semivazio. Ou Leonard está com uma sensação de perda, fracasso, derrota — ou eu é que estou. Não conseguimos evitar. Gostaríamos que não fosse assim, mas é desse modo que a vida se apresenta para cada um de nós: e o modo como a vida se apresenta é inevitavelmente o modo como a vida é vivida.

Uma noite, numa festa, entrei numa discussão com um amigo nosso, famoso pela competência em debater. No começo, reagi

nervosamente a todas as provocações dele, mas não demorei a tomar pé, e a partir daquele momento mantive o domínio do território melhor do que ele. As pessoas me cercaram. Você foi incrível, diziam, incrível. Ansiosa, me virei para Leonard. “Você estava nervosa”, ele disse.

Em outra ocasião, viajei para Florença com minha sobrinha. “Como foi?”, perguntou Leonard. “A cidade estava uma delícia”, respondi, “minha sobrinha é demais. Sabe, é difícil passar vinte e quatro horas por dia com uma pessoa durante oito dias, mas nós duas viajamos bem juntas, andamos vários quilômetros ao longo do Arno, o rio é lindo.” “Que *triste*”, disse Leonard. “Você ter se irritado por passar tanto tempo com sua sobrinha.”

Numa terceira ocasião, fui para a praia no fim de semana. Um dia choveu, o outro foi de sol. De novo, Leonard me perguntou como tinha sido. “Refrescante”, eu disse. “Você não se abateu com a chuva...”, ele respondeu.

Busco na memória o som que *minha* voz pode ter. Minha voz, sempreafiada ao julgar, e que além disso nunca deixa de registrar a lacuna, a ausência, a incompletude. Minha voz que tantas vezes faz os olhos de Leonard lançarem faíscas e sua boca se contrair.

Depois de uma noitada juntos, um ou outro de nós sempre sugere num impulso que a gente se encontre outra vez durante a semana, mas só raramente o impulso perdura o suficiente para virar ato. Estamos sendo sinceros, claro, no momento das despedidas — não queremos outra coisa senão renovar o contato imediatamente —, mas já no elevador, subindo para meu apartamento, começo a sentir na pele o efeito sensorial de uma noite repleta de ironia e juízos negativos. Nada sério, só danos superficiais — mil alfinetadas minúsculas espetando braços, pescoço, peito —, mas em algum lugar dentro de mim, um lugar que não consigo nem mesmo identificar, começo a me esquivar da perspectiva de sentir aquilo de novo numa ocasião próxima.

Passa-se um dia. Depois outro. Preciso ligar para o Leonard, digo para mim mesma, mas uma e outra vez a mão que vai se estender para o telefone permanece imóvel. Ele, claro, deve estar sentindo o mesmo, pois também não telefona. O impulso não transformado em ação se acumula e vira falta de coragem. A falta de coragem se solidifica na forma de tédio. Quando o ciclo de sentimentos contraditórios, falta de coragem e força de vontade paralisada se completa, a vontade de que haja um novo encontro ganha urgência e a mão que se estende para o telefone completa a ação. Leonard e eu nos consideramos íntimos porque nosso ciclo se completa em apenas uma semana.

Ontem, saí do supermercado do fim do meu quarteirão e de canto de olho registrei o mendigo que sempre ocupa o espaço da frente da loja: um homenzinho branco de mão perpetuamente estendida e rosto coberto de vasos sanguíneos rotos. “Preciso de alguma coisa para comer”, choramingava, como sempre. “Só isso, alguma coisa para comer, qualquer trocado, só alguma coisa para comer.” Ao passar por ele, ouvi uma voz dizer, logo atrás de mim: “Aqui, amigo. Você quer alguma coisa para comer? Pegue alguma coisa para comer”. Me virei e vi um homem preto baixinho, de olhos frios, parado na frente do mendigo com um pedaço de pizza na mão estendida. “Hmm, cara”, implorou o mendigo, “você sabe o que eu...” A voz do homem ficou tão fria quanto seus olhos. “Você falou que queria alguma coisa para comer. Aqui está alguma coisa para comer”, repetiu. “Comprei isto para você. *Coma!*” O mendigo se encolheu perceptivelmente. O homem que estava na frente dele se virou e, num movimento de profunda aversão, jogou a pizza na lixeira.

Ao chegar ao meu prédio, não consegui deixar de parar para contar a Jose, o porteiro — precisava contar a *alguém* —, o que tinha acabado de acontecer. Os olhos de Jose se arregalaram. Quando acabei, ele disse: “Ah, senhorita Gornick, sei muito bem o que

você quer dizer. Uma vez levei a maior bofetada do meu pai por essa mesma razão”. Foi minha vez de arregalar os olhos. “A gente tinha ido assistir a um jogo de bola e um vagabundo me pediu alguma coisa para comer. Fui comprar um cachorro-quente e dei para ele. Meu pai me deu um tapa na cara. ‘Se você quer fazer uma coisa desse tipo, faça direito’, disse ele. Não se compra um cachorro-quente para alguém sem comprar também um refrigerante!”

Em 1938, poucos meses antes de morrer, Thomas Wolfe escreveu a Maxwell Perkins: “Tive uma ‘inspiração’ e fiquei com vontade de lhe escrever para contar... Sempre vou pensar em você e me sentir em relação a você como naquele 4 de Julho, há três anos, quando você foi me encontrar no navio e nós dois fomos até o café perto do rio e tomamos um aperitivo e depois fomos até o topo do edifício alto e toda a estranheza e a glória e a potência da vida e da cidade ficaram abaixo de nós”.

A cidade, claro, era Nova York — a cidade de Whitman e Crane —, o contexto legendário do mito de criação do jovem gênio que chega à capital do mundo, como num quadro secular de anunciação, com a cidade à espera dele e unicamente dele para atravessar a ponte, cruzar o bulevar e subir ao topo do edifício mais alto, onde finalmente será reconhecido como a figura heroica que sabe que é.

Nem um pouco a minha cidade. A minha é a cidade dos ingleses melancólicos — Dickens, Gissing, Johnson, especialmente Johnson —, a cidade onde nenhum de nós está indo a lugar nenhum, pois já estamos lá, nós, os eternos simplórios que percorrem essas ruas cruéis e maravilhosas em busca de uma identidade refletida no olhar de um estranho.

Na década de 1740, Samuel Johnson percorria as ruas de Londres para se curar de uma depressão crônica. A Londres que Johnson percorria era uma cidade pestilenta: esgotos a céu aberto, doença, pobreza; carência; iluminada por lanternas fumegantes;

homens degolando uns aos outros à meia-noite nas ruelas desertas. Era a essa cidade que Johnson se referia ao dizer: “Quando um homem se cansa de Londres, é porque se cansou da vida”.

Para Johnson, a cidade sempre foi a maneira de se erguer das profundezas, o lugar que acolhia seu enorme incômodo, seu desconforto monumental. A rua o resgatava do isolamento melancólico, reintegrava-o à humanidade, ressuscitava nele a generosidade inata, devolvia-lhe a calidez do intelecto. Na rua, Johnson fazia suas observações indeléveis; nela, encontrava sua sabedoria. Tarde da noite, quando saía à caça de conversas de bar, sentia o alívio de ver a própria carência espelhada na companhia que encontrava: os que bebiam e falavam do Homem e de Deus até o sol despontar porque, como ele, ninguém ali estava querendo voltar para casa.

Johnson detestava e temia a vida de cidade pequena. As ruas fechadas, silenciosas levavam-no ao desespero. Na cidade pequena, sua presença refletida estava ausente. A solidão ficava insuportável. O sentido da cidade era tornar a solidão suportável.

Sempre morei em Nova York, mas passei boa parte da vida desejando viver na cidade, exatamente como faria o morador de uma cidade pequena, impaciente por chegar à capital. Crescer no Bronx foi como crescer numa cidade pequena. Desde o início da adolescência, eu sabia que existia um lugar que era o centro do mundo — e que eu estava distante dele. Ao mesmo tempo, também sabia que bastava uma viagem de metrô para chegar a Downtown Manhattan. Manhattan era a Arábia.

Aos catorze anos, comecei a fazer essa viagem de metrô, andando ao longo e ao largo da ilha tanto no fim do inverno como em pleno verão. A única diferença entre mim e alguém como eu chegando do Kansas era que no Kansas a pessoa dá o salto solitário do imigrante uma vez só e para sempre, enquanto eu fazia muitas viagens pequenas até a cidade, voltando repetidamente para casa em busca de conforto e apoio, apatia e protelação, antes de tentar a

sorte grande. Descendo a Broadway, subindo a Lexington, cruzando a rua 57, de rio a rio, passando pelo Greenwich Village, Chelsea, Lower East Side, mergulhando até Wall Street, subindo até Columbia. Passei anos percorrendo essas ruas, empolgada e expectante, voltando toda noite para minha casa no Bronx, onde ficava à espera de que a vida começasse.

Do meu ponto de vista, o West Side era um longo retângulo de edifícios de apartamentos repletos de artistas e intelectuais; essa riqueza, espelhada no East Side por dinheiro e posição social, tornava a cidade glamourosa e dolorosamente excitante. Era um gosto que eu podia sentir na boca: mundo, puro mundo. Assim que eu tivesse idade suficiente, Nova York seria minha.

Quando crianças, minhas amigas e eu explorávamos as ruas da vizinhança, ampliando as fronteiras à medida que crescíamos, setor a setor, até virarmos meninas trilhando o Bronx como se estivessemos fazendo uma expedição ao interior. Usávamos as ruas do jeito que crianças que crescem no campo usam campos e rios, montanhas e cavernas: para nos posicionarmos no mapa do nosso mundo. Passávamos horas andando. Aos doze anos, percebíamos instantaneamente quando o modo de falar ou a aparência de alguém que viesse em nossa direção estava ligeiramente fora do tom. Se um homem se aproximasse e dissesse: “E então, garotas, como vão as coisas? Vocês moram por aqui?”, sabíamos. Se a mulher não estava andando com propósito na direção da rua comercial, sabíamos. Também sabíamos que o fato de saber nos excitava. Quando alguma coisa esquisita acontecia — e não era preciso muito para que considerássemos alguma coisa esquisita, já que nosso sentido de regra era estrito —, depois passávamos horas analisando essa coisa.

Um amigo dos tempos do secundário me apresentou as ruas da Upper Manhattan. Tantas línguas, peculiaridades tão surpreendentes de aparência — homens barbados, mulheres vestindo preto e prata. Dava para perceber que aquelas pessoas não eram da classe

trabalhadora..., mas de que classe elas *eram*? E depois, os ambulantes! No Bronx, um certo vendedor de frutas e legumes podia anunciar: “Moça! Hoje tenho tomates frescos!”. Mas aqui, as pessoas na calçada vendiam relógios, rádios, livros, joias — que apregoavam aos brados, em vozes insistentes. E não apenas isso, mas os homens e mulheres que passavam entravam no jogo: “Por quanto tempo esse relógio vai funcionar? Até eu chegar à esquina?”. “Conheço o cara que escreveu esse livro, que não vale um dólar.” “Onde você arrumou esse rádio? Amanhã de manhã a polícia bate lá em casa, não é mesmo?” Quanto movimento, quanta animação! Pessoas que não se conheciam conversando umas com as outras, dando risada, soltando exclamações, franzindo o rosto de prazer, estourando de raiva. O que mais nos fascinava era a ousadia do gesto e da expressão que víamos por todo lado: o flerte estiloso, a sagacidade das conversas, pessoas provocando reações inteligentes, exuberantes, umas nas outras e em si mesmas.

Na faculdade, outro amigo percorreu comigo a West End Avenue. Eu nunca tinha visto uma rua tão larga e tão majestosa quanto aquela, com porteiros posicionados na entrada dos edifícios de apartamentos de altura imponente que guarneciam os dois lados da avenida ao longo de dois quilômetros e meio. Meu amigo me falou que naqueles grandes edifícios de pedra viviam músicos e escritores, cientistas e emigrados, bailarinos e filósofos. Em pouco tempo, nenhuma excursão a Downtown ficava completa sem uma caminhada pela West End, da rua 107 até a 72. Para mim, a avenida ficou sendo emblemática. Se algum dia eu morasse naquele lugar, seria porque havia chegado lá. Eu não sabia muito bem se seria a moradora artista/intelectual ou se estaria casada com essa pessoa — na verdade, não conseguia me ver assinando o contrato de locação —, mas tudo bem; de uma forma ou de outra, estaria vivendo no apartamento.

No verão, íamos a concertos no Estádio Lewisohn, o vasto anfiteatro no campus da City College. Foi lá que ouvi Mozart e Bee-

thoven e Brahms pela primeira vez. Esses concertos deixaram de acontecer em meados da década de 1960, mas no fim da década de 1950, sentada naquelas arquibancadas de pedra julho após julho, agosto após agosto, eu sabia, simplesmente *sabia*, que os homens e as mulheres que me cercavam viviam na West End Avenue. Enquanto a orquestra fazia a afinação e as luzes eram reduzidas na noite amena, estrelada, eu podia sentir todo aquele público inteligente se inclinando para a frente como um só corpo, ansiando pela música, indo na direção da música, na direção de si mesmos *na* música: como se o concerto fosse uma extensão a céu aberto do contexto de suas vidas. E eu, tão inteligentemente quanto eles, esperava, também me inclinava para a frente, mas sabia que não fazia mais do que imitar aquele movimento. Ainda não havia conquistado o direito de amar a música tanto quanto eles. Alguns anos depois, comecei a ver que era perfeitamente possível que nunca conquistasse.

Diante do fato de que eu me via deslizando cada vez mais na direção da margem social, nada restaurava tanto meu coração magoado e raivoso do que uma caminhada pela cidade. Ver, na rua, as cinquenta maneiras diferentes como as pessoas se esforçam para permanecer humanas — a variedade e a inventividade das técnicas de sobrevivência — era sentir um alívio na pressão, o escoamento do excesso. Eu sentia em meus terminais nervosos a recusa coletiva a submergir. Essa recusa passou a ser uma companhia. Nunca estive menos sozinha do que sozinha na rua apinhada. Ali, constatei, eu *conseguia* imaginar a mim mesma. Ali, pensava, estava ganhando tempo. Que ideia: ganhar tempo. Uma ideia que partilhei com Leonard durante anos.

Fiquei adulta e fui morar em Downtown, mas a verdade é que nada saiu como eu tinha imaginado. Fui para a faculdade, mas o diploma não resultou num escritório na Midtown. Casei com um artista, mas morávamos no Lower East Side. Comecei a escrever, mas ninguém que morasse acima da rua 14 lia o que eu escrevia.

Para mim, as portas da sociedade dourada não se abriam. O empreendimento fulgurante se mantinha a uma certa distância.

Sou conhecida entre meus amigos por minha indiferença a adquirir coisas. As pessoas fazem troça de mim porque não dou a impressão de desejar nada; inclusive, não sei o nome de nada, não sou capaz de diferenciar o que é falso do que é genuíno, o elegante do medíocre. Não se trata do desinteresse de uma mente elevada; na verdade, as coisas sempre me fizeram entrar em pânico; um constrangimento de camponesa com cor, textura, abundância — glamour, diversão, malícia — é a razão do desconforto. Passei a vida me virando com pouco porque “troços” me deixam nervosa.

Leonard desenvolveu um estilo de vida que aparentemente é o absoluto inverso do meu, mas, verdade seja dita, acho que são imagens espelhadas. Abarrotado de gravuras japonesas, tapetes indianos e móveis do século XVIII com estofamento de veludo, o apartamento dele parece um conjunto de salas de museu de que ele é curador. Percebo que está preenchendo seu ambiente físico tão desesperadamente quanto eu não estou. Mesmo assim, ele nunca ficou à vontade no apartamento dele, assim como eu não fico no meu; é outro que precisa sentir concreto debaixo dos pés.

Depois que terminei a faculdade, Nova York, para mim, virou sinônimo de Manhattan, mas para Leonard, que também cresceu no Bronx, Nova York continuou sendo os bairros arredores. Já na época em que o conheci — há mais de trinta anos agora —, ele percorria as ruas como eu nunca havia feito: Brooklyn, Queens, Staten Island. Conhecia Sunnyside, Greenpoint, Red Hook; Washington Heights, East Harlem, South Bronx. Sabia o que significava uma rua comercial do Queens com metade das lojas fechadas com tapumes, uma peça do Waterfront do Brooklyn restaurada, um terreno ajardinado do Harlem coberto de flores de aspecto doentio, um depósito às margens do East River transformado em bazar do Tercei-

ro Mundo. Ele sabia quais projetos habitacionais estavam dando certo e quais eram um desastre. E não era só as ruas que ele conhecia. Conhecia os píeres, os terminais ferroviários, as linhas de metrô. O Central Park e o Prospect Park, sabia de cor. Conhecia as pontes para pedestres que cruzam o East River; os ferries, os túneis, os anéis viários. Conhecia Snug Harbor e City Island e Jamaica Bay.

Muitas vezes, ele me lembrava os meninos de rua dos filmes italianos do pós-guerra: aquelas crianças bonitas, esfarrapadas dos filmes de Rossellini, que se confundiam com Roma por conhecer a cidade pelo avesso. Era assim que eu via Leonard sempre que fazíamos uma de nossas longas caminhadas pelos bairros: famintos por informação, como só um filho da classe trabalhadora pode estar; pelo tipo de informação que o transforma em proprietário do solo que pisa. Com ele como guia, os bairros se desenrolavam por quilômetros e mais quilômetros em todas as direções, muitas vezes com ar de terra inóspita a meus olhos desinformados, até que eu começava a vê-los do modo como Leonard os via: um mar incomparável de guetos eternamente injetando nova vida num retângulo de glamour e prosperidade.

Durante aquelas nossas caminhadas, era comum que o sentido de tempo-e-espço se alterasse enquanto andávamos. O conceito de “horas” se evaporava. As ruas se transformavam numa longa faixa de caminho livre estendido diante de nós, com nada que impedisse nosso avanço. O tempo se expandia e ficava parecendo o tempo da infância, que dava a sensação de não acabar nunca, diferentemente do tempo de agora: sempre escasso, sempre premente, sempre uma baliza fugidia de nosso bem-estar emocional.

Numa festa em Nova York, Jim se aproxima afobado de mim. Sarah cumprimenta e vira de costas. Um ano atrás eu estava muito próxima dele, dois anos atrás, dela. Esta noite me dou conta de que faz três meses que não o vejo, seis que não a vejo. Uma mulher que

mora a três quarteirões do meu apartamento vem falar comigo, olhos brilhantes. “Que saudade!”, e suspira fundo, como se fôssemos amantes em tempos de guerra, separados por forças fora do nosso controle. “É mesmo”, concordo, e vou em frente. Nos abraçamos, felizes, eu e todas essas pessoas: nenhum olhar de recriminação, nem uma só sílaba de crítica entre nós. E na verdade não há razão para recriminações. Como pecinhas de um caleidoscópio depois de agitado, simplesmente mudamos de posição no esquema da partilha de intimidade. Muitos de nós, que há não tanto tempo nos frequentávamos com regularidade, hoje nos encontramos mais por acaso que de propósito: num restaurante, no ônibus, numa festa de casamento. Ah, olha alguém que não vejo há anos. De repente um lampejo de intensidade e passamos a nos encontrar uma vez por semana durante os seis meses seguintes.

Frequentemente sou lembrada das amigas de infância no condomínio — tanto das circunstanciais como das outras. Mulheres redondas, de olhos escuros, repletas de compreensão tácita quanto às necessidades do momento. Que diferença fazia se a vizinha da porta ao lado se chamava Ida ou Goldie quando você precisava de alguém que lhe emprestasse dez pratas ou indicasse um aborteiro ou balançasse a cabeça em sinal de apoio durante uma explosão de fúria conjugal? A única coisa que importava era ter uma vizinha na porta ao lado. Como Sartre talvez dissesse, eram vínculos contingentes mais que essenciais.

Quanto ao que nos diz respeito: nunca antes na história tanta inteligência culta foi aplicada à ideia do eu insubstituível — essencial; e nunca antes a aversão à mais insignificante parcela de mal-estar psicológico permitiu que tantas pessoas fossem tratadas como o Outro contingente.

Caio, o autor romano do século III, tinha consciência de que suas inúmeras dificuldades com a amizade começavam por sua incapacidade de fazer as pazes consigo mesmo. “Nenhum homem tem o

direito de contar com a amizade dos outros”, escreveu, “se não for amigo de si mesmo. É esse o primeiro grande dever da humanidade: a amizade consigo mesmo. Há milhares de pessoas que não só são hostis a si mesmas como distorcem as melhores intenções dos outros em ser-lhes úteis; muitas vezes essas mesmas pessoas são as que manifestam as queixas mais eloquentes de que ‘não existe no mundo isso que chamam amigo!’”

Samuel Taylor Coleridge adorava uma definição de amizade que personificava um ideal cujas origens podiam ser rastreadas até Aristóteles. Vivendo numa época em que as pessoas providas de sensibilidade ansiavam por comunhão de espírito, Coleridge se ressentia do fato de que esta frequentemente deixasse de se materializar sob a forma de amizade; mas o desapontamento não abalou sua convicção, nem sequer quando ele perdeu a amizade que, para ele, definia todas as outras.

Coleridge e William Wordsworth se conheceram em 1795, quando os dois contavam, respectivamente, vinte e três e vinte e cinco anos de idade. Mesmo na época, Wordsworth — sério, suscetível, reservado — encontrava estabilidade na convicção íntima de uma futura grandeza como poeta; Coleridge, de seu lado — brilhante, explosivo, inseguro às raias da instabilidade —, já era usuário de ópio. Qualquer um, fora eles, podia ver que aquilo não ia dar certo. Em 1795, porém, estavam nascendo um novo mundo, uma nova poesia, uma nova maneira de ser e, naquele momento, tanto Wordsworth como Coleridge, ambos sentindo em si a formação do novo, comprovavam sua existência ao vê-lo refletido na pessoa do outro.

A paixão durou pouco mais de um ano e meio. Passado esse período, o caos interno de Coleridge duplicou em força; em Wordsworth, o orgulho se cristalizou numa quase imobilidade. A pessoa que cada um deles havia sido ao longo de quase dois anos — essa pessoa que se deliciava na fruição incessante do outro — deixou de

existir. Não se trata exatamente de que tivessem voltado a ser as pessoas que haviam sido antes; era apenas que nunca mais nenhum dos dois sentiria que era seu melhor eu na presença do outro.

Nosso melhor eu. Durante séculos, esse foi o conceito-chave subjacente a toda definição essencial de amizade: o fato de que nosso amigo é um ser virtuoso que se comunica com a virtude que está em nós. A que distância está esse conceito dos filhos da cultura terapêutica! Hoje não buscamos, e muito menos afirmamos, nosso melhor eu um no outro. Ao contrário, é a facilidade com que admitimos nossas inaptidões emocionais — o medo, a raiva, a humilhação — que aciona os laços de amizade contemporâneos. Nada nos aproxima mais uns dos outros do que a medida em que expomos nossa vergonha mais íntima abertamente na presença um do outro. A ideia de uma exposição desse tipo horrorizava Coleridge e Wordsworth; nós a adoramos. O que queremos é nos sentir *conhecidos*, defeitos e tudo: quanto mais defeitos, melhor. A grande ilusão da nossa cultura é que aquilo que confessamos é aquilo que somos.

Todas as noites, quando apago as luzes da sala de meu apartamento no décimo sexto andar antes de ir para a cama, sinto um impacto de prazer ao ver o amontoado de janelas iluminadas erguendo-se para o céu, aglomeradas em torno de mim, e me sinto abraçada pelo estoque anônimo de moradores da cidade. Esse enxame de colmeias humanas, que também pendem, ancoradas no espaço, é o design de Nova York oferecendo conexão genérica. O prazer que ele proporciona é um alívio que vai além de toda explicação.

O telefone toca. É Leonard.

“O que você está fazendo?”, ele pergunta.

“Lendo Krista K”, respondo.

“Quem é essa?”, ele pergunta.

“Quem é essa?!”, respondo. “Uma das escritoras mais famosas da Europa do Leste.”

“Ah”, diz ele sem se impressionar. “Como é o livro?”

“Meio claustrofóbico.” Suspiro. “A maior parte do tempo você não sabe direito onde está, nem quem está falando. E depois, a cada vinte páginas mais ou menos, ela diz: ‘Esta manhã encontrei o G. Perguntei por quanto tempo ele acha que a gente consegue continuar assim. Ele deu de ombros. É, respondi.’”

“Ah”, responde Leonard. “Um desses. Chaaato.”

“Me diga uma coisa”, respondo, “você nunca se incomoda por falar como um filisteu?”

“Os filisteus eram um povo muito injustiçado”, diz ele. “Você tem visto o Lorenzo ultimamente?”

“Não, por quê?”

“Ele voltou a beber.”

“Ah, meu Deus! Qual é o problema agora?”

“Qual é o problema *agora*? O que *não* é problema agora? Quando é que o Lorenzo acha que está tudo em ordem?”

“Você não pode falar com ele? Conhece ele tão bem.”

“Mas eu *falo* com ele. Ele concorda com tudo que eu digo. Eu sei, eu sei, diz ele, você tem razão, preciso tomar jeito, obrigado por me dizer isso, fico muito grato, não sei por que faço merda, simplesmente não sei.”

“E *por que* ele faz merda?”

“Por quê? Porque quando não está fazendo merda ele não sabe quem ele é.”

A voz de Leonard ficou exaltada.

“É inacreditável”, continua, “a zona que é a cabeça dele. Pergunto a ele: O que você quer, afinal, o que é que você *quer*?”

“Me diga”, interrompo-o, “o que é que *você* quer?”

“Touché.” Leonard dá uma risada seca.

Seguem-se alguns longos segundos de silêncio vital.

“A vida inteira”, diz ele, “eu só soube o que *não* quero. Sempre tive um espinho cravado no peito e sempre pensei: Quando esse espinho for removido eu penso no que quero. Mas quando aquele espinho específico era removido, eu ficava me sentindo vazio. Pouco tempo depois, cravavam outro espinho no meu peito e aí, de novo, a única coisa que eu conseguia pensar era em me livrar do espinho no meu peito. Nunca tive tempo de pensar no que *quero*.”

“Quem sabe em algum ponto disso está a razão pela qual Lorenzo bebe.”

“É lamentável”, diz Leonard em voz baixa. “Na minha idade, ter tão pouca informação. Agora, se a Krista K resolvesse escrever a respeito *disso*, eis aí uma coisa que me interessaria. O único problema é que ela acha que ‘informação’ é aquilo de que a KGB andava atrás.”

Na farmácia encontro Vera, de noventa anos, uma trotskista do meu passado remoto que mora no bairro, num quarto andar sem elevador, e cuja voz está sempre regulada no tom enfático que convém ao comício. Está à espera de que aviem sua receita, e como faz muito tempo que não a vejo proponho, num impulso, esperar com ela. Sentamo-nos em duas das três cadeiras alinhadas perto do balcão dos remédios, eu no centro, Vera à minha esquerda e, à minha direita, um homem de aspecto agradável lendo um livro.

“Você ainda mora no mesmo lugar?”, pergunto.

“E onde mais poderia ser?”, ela responde, em volume suficiente para que um homem que está na fila da retirada dos remédios se viresse na nossa direção. “Mas sabe de uma coisa, querida? Graças às escadas, eu continuo forte.”

“E o seu marido, dá conta das escadas?”

“Ah, ele...”, diz ela. “Morreu.”

“Sinto muito”, murmuro.

A mão dela afasta o ar para longe.

“Não era um bom casamento”, declara. Três pessoas que estão na fila se viram para nós. “Mas sabe de uma coisa? No fim das contas, não faz diferença.”

Confirmo com a cabeça. Entendo o que ela diz. O apartamento está vazio.

“Uma coisa eu preciso dizer”, ela continua. “Ele não era um bom marido, mas era um ótimo amante.”

Percebo um leve sobressalto no corpo do homem sentado ao meu lado.

“Bem, não há dúvida de que isso é importante”, digo.

“Menino! Que amante! Conheci ele em Detroit, durante a Segunda Guerra. A gente cuidava da organização. Naquele tempo, todo mundo dormia com todo mundo, e eu também. Mas você não vai acreditar...” E nesse ponto ela abaixa a voz dramaticamente, como se tivesse um segredo de alguma importância a revelar. “A maioria dos caras com quem fui para a cama... Não eram bons de cama. Na verdade, eram ruins, *muito* ruins.”

Agora percebo que o homem à minha direita está segurando uma risada.

“De modo que quando você encontra um que é bom...” — Vera estremece. — “Você segura o cara.”

“Entendo exatamente o que você quer dizer”, respondo.

“É mesmo, querida?”

“Claro que entendo.”

“Você está me dizendo que eles continuam ruins?”

“Ouça só a nossa conversa!”, digo. “Duas velhas falando de amantes horríveis.”

Dessa vez, o homem ao meu lado ri alto. Me viro e olho bem para ele.

“A gente continua dormindo com os mesmos caras, não é mesmo?”, digo.

Sim, ele confirma com a cabeça. “E com a mesma dose de satisfação.”

Por uma fração de segundo, nós três trocamos olhares e depois, todos ao mesmo tempo, começamos a rir feito loucos. Quando as gargalhadas cessam, estamos exultantes. Juntos atuamos e em separado fomos recebidos.

Ninguém está mais surpresa do que eu por eu ter virado a pessoa que sou. Em amor, por exemplo. Eu sempre havia imaginado que, nesse aspecto, era como todas as outras garotas da minha geração. Ao passo que maternidade e casamento nunca haviam detido meu interesse e que me imaginar em alguma barricada revolucionária era uma extravagância entre minhas colegas de classe, sempre soube que um dia o Príncipe Encantado apareceria na minha frente, e que quando isso acontecesse a vida assumiria seu formato definitivo: *definitivo* sendo o termo operacional. Na real, apareceram diversos espécimes de PEs, só que em matéria de “definitivo” não apareceu nada. Até os trinta e cinco anos de idade, minha experiência de cama foi equivalente à de qualquer uma de minhas amigas; com essa idade, eu também já havia passado por dois casamentos e dois divórcios. Cada um dos casamentos durou dois anos e meio, e cada um deles foi contratado por uma mulher que eu não conhecia (eu) com um homem que eu também não conhecia (o bonequinho em cima do bolo de casamento).

Só depois que esses casamentos acabaram, amadureci sexualmente — ou seja, tomei consciência de mim mesma como pessoa preocupada em desejar, mais que com ser desejada; e *essa* modificação me educou. Fiquei sabendo que era sensual, mas não uma sensualista; que um orgasmo me deixava nas nuvens, mas que a terra não balançava; que podia passar seis meses mais ou menos às voltas com uma obsessão erótica, mas ficava o tempo todo esperando que a excitação nervosa abatesse. Em resumo: a prática do sexo era uma coisa sublime, mas não era o lugar onde eu vivia. E aí aprendi outra coisa.

Poucos anos antes de chegar aos quarenta, tive um caso com um homem de quem gostava e que gostava de mim. Esse homem e eu éramos atraídos pela energia mental e espiritual que cada um de nós sentia no outro. Mas além disso, para esse homem — por mais inteligente, culto e politicamente empolgado que ele fosse —, o exercício da própria vontade sexual era imprescindível em toda conexão que viesse a estabelecer com uma mulher. Sempre que estávamos juntos, não havia um momento sequer em que ele não estivesse me tocando. Ele nunca entrava na minha casa sem que sua mão estivesse imediatamente sobre meu seio; nunca me abraçava sem ao mesmo tempo tratar de tocar meus genitais; nunca se deitava ao meu lado sem tentar me fazer gozar. Quando, depois de alguns meses juntos, comecei a me opor ao que havia começado a me parecer uma prática no automático, ele invariavelmente me envolvia nos braços, enfiava o rosto em meu pescoço e murmurava no meu ouvido: “Deixa disso, você sabe que gosta...”. Como eu o amava de verdade e ele a mim — tivemos momentos memoráveis juntos —, nesses momentos eu o fitava, balançava a cabeça, exasperada, mas depois deixava para lá.

Um dia ele sugeriu que eu permitisse que ele me sodomizasse, coisa que nunca havíamos feito. Não topei. No dia seguinte, ele fez a mesma sugestão. De novo, não topei. “Como você sabe que não vai gostar”, ele insistiu, “se nunca experimentou?” Ele acabou me cansando: aceitei tentar uma vez. Não, não, ele disse, eu precisava concordar em fazer três vezes e *depois*, se dissesse não, seria não. Assim, foram três vezes e, para falar a verdade, a sensação física não foi tão horrorosa quanto eu havia imaginado — quase contra a minha vontade, meu corpo reagiu —, mas, definitivamente, não gostei.

“Está bem”, eu disse, “foram três vezes e não quero repetir.”

Estávamos deitados na cama. Ele enfiou a cara no meu pescoço e cochichou no meu ouvido: “Ah, que nada! Só uma vezinha mais! Você sabe que gosta”.

Recuei e olhei diretamente para o rosto dele. “Não!”, falei, e me surpreendi com a firmeza de minha própria voz.

“Que mulher antinatural você é!”, ele explodiu. “Você sabe que tem vontade de fazer. *Eu* sei que você tem vontade de fazer. E mesmo assim, você resiste. Ou será que é a mim que você está resistindo?”

De novo, eu o encarei: só que dessa vez meu olhar foi diferente de meus outros olhares. Um homem estava me pressionando a fazer uma coisa que eu não queria fazer, e me pressionando de uma forma que jamais teria utilizado com outro homem: dizendo que eu não sabia o que queria. Senti meus olhos se estreitando e meu coração ficando frio. Pela primeira — mas não última — vez, senti conscientemente que os homens eram membros de uma espécie à parte de mim. À parte e estranha a mim. Era como se uma membrana invisível tivesse baixado entre mim e meu amante, uma membrana suficientemente fina para ser penetrada pelo desejo, mas suficientemente opaca para obscurecer a camaradagem humana. A pessoa do outro lado da membrana me parecia tão irreal quanto eu sentia que eu mesma era para ele. Naquele momento, a ideia de nunca mais ir para a cama com um homem não me incomodou.

Claro que fui para a cama com eles — amor, discussão e êxtase muitas outras vezes depois que esse homem e eu terminamos —, mas a lembrança daquela divisória tênue, invisível, me perseguia; e, mais vezes do que gosto de lembrar, vi seu reflexo ao olhar para o rosto de um homem que me amava, mas que não estava convencido de que eu precisasse da mesma coisa de que ele precisava para sentir-me um ser humano.

Com o tempo conheci outras mulheres que teriam analisado a experiência de maneira diferente, mas que entendiam na hora do que eu estava falando quando descrevia a cortina invisível. Faz parte do jogo, dizia a maioria delas, dando de ombros. Não se incomodavam em manter um arranjo que era do jeito que sempre havia si-

do. Percebi que para mim era impossível. Para mim, aquilo tinha virado a ervilha embaixo dos vinte colchões: uma irritação da alma que eu não tinha condições de acolher.

Trabalhe, eu disse para mim mesma, trabalhe. Se trabalhasse, pensei, apoiada em meu coração recém-endurecido, seria uma pessoa no mundo. E aí, que importância teria abrir mão do “amor”?

Constatei que essa importância era bem maior do que eu jamais havia imaginado. Com o passar dos anos, vi que o amor romântico estava injetado como tintura no sistema nervoso das minhas emoções, entranhado na totalidade do tecido de anseios, fantasias e sentimentos. Ele assombrava a psique, era uma dor nos ossos; tão profundamente incorporado à composição do meu espírito que encarar diretamente sua influência feria os olhos. Ele seria uma causa de dor e conflito pelo resto da minha vida. Eu tinha apreço por meu coração endurecido — apreço que mantive ao longo de todos esses anos —, mas a perda do amor romântico ainda é capaz de atormentá-lo.

Um tapume de madeira foi erguido na minha rua cercando dois quadriláteros de calçamento cujo concreto havia sido aplicado recentemente. Ao lado do tapume, há uma tábua solitária para uso dos pedestres, e ao lado da tábua, um corrimão precário. Numa manhã gélida em pleno inverno estou prestes a agarrar o corrimão e me segurar nele para avançar pela tábua quando, na outra ponta, aparece um homem tentando fazer a mesma operação. Trata-se de um homem alto, dolorosamente magro e assustadoramente velho. Instintivamente, me inclino para diante o suficiente para poder estender a mão para ele. Instintivamente, ele segura minha mão. Nenhum de nós diz uma palavra enquanto ele não percorre a tábua em segurança e estaciona ao meu lado. “Obrigado”, ele diz. “Muito obrigado.” Um arrepio cruza meu corpo. “De nada”, digo, num tom tão neutro quanto o dele — espero. Em seguida, cada um de

nós retoma seu caminho, mas sinto aquele “obrigado” correndo em minhas veias ao longo de todo o resto do dia.

A voz dele é que havia feito isso. Que voz! Forte, vibrante, segura: uma voz que não sabia que pertencia a um velho. Nela, não havia nem rastro daquele tom suplicante que ouvimos com tanta frequência na voz de uma pessoa idosa diante de pequenas cortesias: “Você é tão gentil, tão gentil, mas tão gentil!”, quando você não está fazendo mais do que chamar um táxi ou ajudar a descarregar um carrinho de compras — como se a pessoa estivesse se desculpando pelo espaço que ele ou ela ocupa no mundo. Aquele homem percebera que eu não havia sido desmedidamente prestativa; e não tivera necessidade de ser desmedidamente grato. E nos relembra aos dois o simples reconhecimento que toda pessoa em dificuldades tem o direito de esperar, e toda testemunha a obrigação de oferecer. Eu estendera a mão e ele a aceitara. Havíamos ficado trinta segundos juntos — ele sem solicitar, eu sem condescender —, e a máscara da velhice se desprendera do rosto dele, a máscara do vigor caíra do meu. No meio da disfunção americana, da brutalidade global e da atitude defensiva pessoal, havíamos, cada um de nós, simplesmente tido uma visão plena um do outro.

Leonard tem um amigo, Tom, que é um grande colecionador de parábolas. Para Tom, o mero ato de acordar pela manhã é uma fonte de apreensão; as parábolas são um consolo e um frescor. Outro dia, Leonard repetiu para mim duas das parábolas mais recentes de Tom. Na primeira: “Uma mulher cai de um transatlântico. Horas depois, dão por sua falta. A tripulação faz o navio dar a volta. Voltam e localizam a mulher, porque ela continua nadando”. Na segunda: “Um homem resolve se matar, pula de uma ponte alta, muda de ideia durante a queda, faz o corpo assumir posição de mergulho e sobrevive”. A vida é um inferno, a espécie humana está condenada, mas é preciso continuar nadando.

“Por que você acha que o protagonista da primeira história é uma mulher e o da segunda, um homem?”, pergunto a Leonard.

“Porque o homem é gay, sua pateta!”, ele respondeu. “A mulher caiu do navio — não saltou —, e nunca na vida que vai entregar os pontos por causa de um acidente; e começa *imediatamente* a nadar. O homem, por outro lado, é uma completa indecisão suicida. Já passou da metade da queda quando decide que é melhor viver que morrer. Gay, sem a menor dúvida.”

Há dois tipos de amizade: aquelas nas quais as pessoas estimulam uma à outra e aquelas nas quais as pessoas precisam estar estimuladas para ficar uma com a outra. No primeiro tipo, a pessoa quebra qualquer galho para encontrar a outra; no segundo, precisa procurar um espaço livre na agenda.

Antes, eu costumava achar que essa diferença era mais uma questão de relacionamento individual. Agora, considero que é mais coisa de temperamento. Ou seja, acho que há pessoas que por temperamento se inclinam a estar estimuladas e outras que precisam se esforçar para isso. Os que têm a inclinação têm prazer em sentir-se expressivos; os que precisam fazer um esforço são mais receptivos à melancolia.

As amigas nova-iorquinas são uma escola no confronto entre devoção à melancolia e atração pela expressividade. As ruas estão repletas de gente ansiosa por escapar do cárcere de um na promessa do outro. Há ocasiões em que a cidade parece oscilar sob o impacto disso.

Há algumas semanas, uma mulher que mora no meu andar me convidou para um brunch de domingo. Essa mulher foi professora primária por anos a fio, mas, para ela, ensinar é mera rotina. Na vida *real*, diz, é atriz. Nenhum dos participantes do brunch — todos com idades entre quarenta e cinquenta anos — conhecia os outros direito e alguns encontravam os demais pela primeira vez, mas lo-

go ficou claro que todos os presentes também consideravam suas ocupações mera rotina; cada um deles se via como tendo vocação artística, mesmo que essa vocação não se manifestasse como realização concreta. A conversa, naquela manhã de domingo, consistiu em um relato após outro sobre o fracasso dessa ou daquela audição ou publicação ou exposição em galeria, todos eles chegando à mesma conclusão: “Não ensaiei direito”, ou “Eu sabia que precisava reescrever o início, ou “Eu devia ter mandado mais slides”. Era impressionante a compreensão que cada uma dessas autorrecriações despertava nos outros. A exclamação “Ah, não se julgue com tanto rigor!” foi ouvida mais de uma vez. E então, de chofre, olhando diretamente para a última pessoa a dizer “Não se julgue com tanto rigor”, uma mulher que havia permanecido em silêncio começou a falar.

“Quando eu me divorciei”, disse ela, “tive de vender a casa em Westchester. Um casal de importadores de móveis e objetos de arte da China comprou a casa e começou a trazer as coisas deles uma semana antes do dia em que eu deveria sair. Uma noite, desci até o porão e comecei a olhar o que havia em alguns dos caixotes deles. Dei com um par de lindos vasos de porcelana. Num impulso, me apropriei de um dos vasos. Pensei: eles têm tudo, eu não tenho nada. Por que não? Quando me mudei, levei o vaso. Uma semana depois, o marido telefonou e disse que tinha acontecido uma coisa esquisita, que um dos vasos do par havia desaparecido. Será que eu sabia alguma coisa a respeito? Não, eu disse, num tom tão perplexo quanto o dele: não fazia a menor ideia, nunca havia visto os vasos. Nesse momento, me senti péssima. Mas não sabia o que fazer. Guardei o vaso num armário e nunca mais olhei para ele. Dez anos se passaram. Comecei a pensar no vaso. Em pouco tempo, o assunto do vaso começou a me obcecar. Por fim, agora, no ano passado, não aguentei mais. Embalei o vaso com o máximo de cuidado e enviei-o de volta para eles. E escrevi uma carta em separado, dizendo que não sabia o que tinha me dado, por que havia me

apropriado daquele objeto que pertencia a eles, e que não estava pedindo desculpas, mas que devolvia o vaso. Poucas semanas depois, a esposa me telefonou. Disse que havia recebido aquela carta estranha que eu havia escrito, que não sabia do que eu estava falando, e que depois o pacote havia chegado e dentro do pacote estavam uns mil cacos de alguma coisa indeterminada. Qual era essa coisa que eu havia pegado e que agora estava devolvendo?”

Leonard e eu estamos sentados na sala de estar do apartamento dele, eu na cadeira alta de veludo cinza, ele no sofá de lona marrom.

“Outro dia”, conto para ele, “me acusaram de ficar fazendo julgamentos. Que piada, pensei. Você devia ter me conhecido dez anos atrás. Mas sabe de uma coisa? Estou *cansada* de me desculpar por fazer julgamentos. Por que razão *não posso* fazer julgamentos? Eu *gosto* de fazer julgamentos. Fazer julgamentos é tranquilizador. Absolutos. Certezas. Como eu gostava deles! Quero de volta. Não posso tê-los de volta?”

Leonard ri e tamborila nervosamente sobre o braço de madeira de seu lindo sofá.

“Antes, todo mundo parecia tão adulto”, digo. “Agora, ninguém mais parece adulto. Olhe só nós dois. Quarenta, cinquenta anos atrás teríamos sido nossos pais. Quem somos agora?”

Leonard se levanta e atravessa a sala; vai até um pequeno armário fechado, abre-o e pega um maço de cigarros aberto. Meus olhos o acompanham, surpresos. “O que você está fazendo?”, pergunto. “Você parou de fumar.” Ele dá de ombros e extrai um cigarro do maço.

“Eles passaram”, diz Leonard. “Só isso. Cinquenta anos atrás você entrava num armário chamado ‘casamento’. No armário, havia dois trajes completos, tão rígidos que podiam ficar em pé sozinhos. A mulher se encaixava num vestido chamado ‘esposa’, depois o homem se encaixava num terno chamado ‘marido’. E ponto-final. Os

dois desapareciam no interior das roupas. Hoje, não passamos. Estamos aqui nus. Só isso.”

Leonard risca um fósforo e o aproxima de seu cigarro.

“Não sou a pessoa certa para essa vida”, digo.

“E quem é?”, ele diz, soprando a fumaça na minha direção.

Às dez da manhã, duas mulheres idosas estão andando na minha frente pela rua West 23, uma vestindo um suéter de náilon rosa, a outra, um azul. “Você soube?”, diz a mulher de rosa. “O papa fez um apelo ao capitalismo para que ele tratasse os pobres do mundo com gentileza.” A mulher de azul responde: “O que o capitalismo falou?”. Enquanto atravessamos a Sétima Avenida, a mulher de rosa dá de ombros. “Por enquanto não respondeu.”

Ao meio-dia, um homem em pé ao lado do balcão da mercearia olha para o troco em sua mão. “Você me deu 8,06 dólares”, diz ele à jovem atrás da caixa registradora. “Acho que não está certo.” Ela olha para as moedas e diz: “O senhor tem razão. Eu devia ter lhe dado 8,60 dólares”, e dá o troco correto ao homem. Ele continua olhando para sua mão aberta. “Você pôs o seis e o zero no lugar errado”, diz. “Devia ter sido ao contrário.” Agora quem olha é a mulher. Quando finalmente o homem se vira e vai embora, balanço a cabeça, empaticamente. “As coisas que preciso aturar o dia inteiro”, ela diz com um suspiro enquanto empilho minhas compras sobre o balcão. “Você acredita? Um cara aparece no balcão trazendo um artigo. O preço no artigo está errado. Vejo de cara que a soma está errada. Digo a ele: ‘Olhe, o preço está errado. Pode acreditar, conheço os preços, faz dois anos que trabalho na loja’. Ele responde: ‘Nada do que você possa se orgulhar’, e sai.”

Às três da tarde, um casal de aspecto elegante está parado sob a marquise do elegante Regency Hotel, na Park Avenue. O homem tem cabelo cinza-azul e feições harmoniosas; enverga um sobretudo caro. A mulher, de magreza alcoólica, tem cabelo louro-camomila e veste mink. Ela ergue os olhos para ele no momento em que passo

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma mulher singular"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).